

Pesquisa em educação musical e o jogo de escalas: um modo de analisar o fenômeno social

Research in music education and the scale game: a way of analyzing the social phenomenon

Cristina Rolim Wolffenbüttel

DOI: [10.47573/aya.5379.2.79.8](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.79.8)

RESUMO

Este ensaio trata das possibilidades analíticas do uso do jogo de escalas para a análise em pesquisas, particularmente em Educação e Educação Musical. A partir da apresentação e análise dos dados de uma investigação sobre a inserção da música na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS foi possível, a partir do jogo de escolas, analisar o fenômeno social presente nas escolas que compõem esta rede de ensino. É possível, portanto, utilizar o jogo de escalas, em escalas macro e microsocial, analisar os fenômenos sociais em quaisquer tipos de pesquisa.

Palavras-chave: análise de dados. micro e macro. jogo de escalas.

ABSTRACT

This essay deals with the analytical possibilities of using the scale game for analysis in research, particularly in Music Education and Education. From the presentation and analysis of data from an investigation on the insertion of music in the Municipal Education Network of Porto Alegre/RS, it was possible, from the school game, to analyze the social phenomenon present in the schools that make up this education network. It is therefore possible to use the game of scales, on macro and microsocial scales, to analyze social phenomena in any type of research.

Keywords: data analysis. micro and macro. scale game.

INTRODUÇÃO

As pesquisas em educação musical no Brasil têm crescido ao longo dos anos, o que revela a importância que a área tem conseguido alcançar, após várias décadas e, porque não dizer, séculos, de muitas lutas no país.

A inserção da música nas escolas de educação básica, do mesmo modo, também tem se tornado uma temática recorrente nas pesquisas.

O jogo de escalas: uma perspectiva analítica

Em 1991, em Paris, Jacques Revel organizou um seminário na Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais. O objetivo era discutir a micro-história e os seus dilemas. Nesse encontro, Revel apresentou um texto, intitulado Microanálise e construção do social, no qual ele discutia sobre a linha. No estudo, Revel afirma:

A abordagem micro-histórica tornou-se, nestes últimos anos, um dos lugares importantes do debate epistemológico entre os historiadores. Feita esta afirmação, convém desde logo limitar seu alcance e dizer que esse debate permaneceu concentrado no interior de um número relativamente restrito de grupos, de instituições e de programas de pesquisa (cujo mapeamento seria, aliás, interessante realizar). (REVEL, 1998b, p. 15).

Na ocasião, o Ministério de Pesquisa e Tecnologia da França organizou um encontro, reunindo historiadores e antropólogos com vistas a tratar da antropologia contemporânea e da antropologia histórica, um tema, de acordo com os próprios pesquisadores, bastante amplo (RE-

VEL, 1998a). Essa reunião fundamentou-se nos inúmeros encontros realizados nos anos 1970 e 1980, para tratar de questões e métodos de trabalho dos etnólogos. Conforme Revel (1998a):

As questões e os métodos de trabalho dos etnólogos exerciam um fascínio duradouro sobre os historiadores, como no passado o haviam feito os dos geógrafos e a seguir dos economistas: a afirmação da etnologia histórica foi o resultado desse investimento e de uma tentativa de hibridização que a posteriori parece menos homogênea, talvez, do que parecia aos protagonistas da aventura. A união disciplinar que se operou então abrangeu muitas coisas, frequentemente heterogêneas, às vezes contraditórias, experiências de pesquisa genuínas e também novidades. (REVEL, 1998a, p. 7).

O seminário resultou no livro *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Organizado por Revel, o livro apresenta contribuições de pesquisadores sobre a complexidade dos fenômenos sociais e as perspectivas de análise, quais sejam as abordagens micro e macroanalíticas (ABÉLÈS, 1998; BENSA, 1998; CERUTTI, 1998; GRENDI, 1998; GRIBAUDI, 1998; LEPETIT, 1998; REVEL, 1998B; ROSENTAL, 1998).

De acordo com Revel (1998a, 1998b), a complexidade dos fenômenos sociais indica que, dependendo do nível de análise, uma mesma realidade social pode se revelar de formas diferentes. Partindo desse pressuposto, ao empreender uma pesquisa, talvez seja possível alcançar diferentes resultados utilizando uma abordagem metodológica que considere ao mesmo tempo diferentes formas de análise. Nesse sentido, a possibilidade da utilização do jogo de escalas (REVEL, 1998b) pode potencializar a realização das investigações.

O jogo das escalas é um modo de analisar a complexidade dos fenômenos sociais (REVEL, 1998b). Para Revel, existem objetos complexos, cuja estrutura é folheada, sendo constituída de diversas camadas e, portanto, necessita de outras maneiras de ser estudada. Desse modo, o princípio da variação de escala é, para a pesquisa, um recurso de grande fecundidade, pois possibilita a análise de objetos complexos.

O conceito de escala, em ciências sociais, diz respeito ao nível de abordagem analítica, a qual está compreendida entre macro e microanálises. Isto se deve ao fato de a construção do objeto de pesquisa passar pela definição do nível de análise, ou da escala de abordagem, a qual vai do macro ao micro (REVEL, 1998a).

Assim, somente a microanálise ou a macroanálise, separadamente, não conseguiriam dar conta desse trabalho analítico. Essa proposição de Revel (1998a) é relevante, pois num trabalho de pesquisa uma realidade social se apresenta de diferentes formas, dependendo do nível de aprofundamento em que é estudada. De acordo com Revel (1998a), existem duas possibilidades de abordagem analítica para os fenômenos sociais. Uma dessas abordagens é a fundamentalista, principalmente defendida por Gribaudi (1998), Cerutti (1998) e Rosental (1998). Para esses autores, é na produção das formas e das relações sociais que o micro engendra o macro, havendo um privilégio absoluto do primeiro em relação ao segundo. De acordo com Gribaudi (1998), Cerutti (1998) e Rosental (1998), é no nível da microanálise que os processos causais são operados.

A outra abordagem adotada por Revel (1998a) além de Abélès (1998), Bensa (1998) e Lepetit (1998), considera o princípio de variação de escalas (micro e macro) de excepcional proveito para os estudos de temas sociais, pois possibilita “que se construam objetos complexos e, portanto, que se leve em consideração a estrutura folheada do social”. Nessa perspectiva analítica, nenhuma das duas escalas tem privilégio sobre a outra, “já que é o seu cotejo que traz o

maior benefício analítico” (REVEL, 1998a, p. 14).

Na defesa do jogo de escalas, Revel (1998b) insiste na relevância da utilização de ambas as abordagens, micro e macrossocial. Para o autor:

[...] os privilégios da análise microssocial não me parecem intocáveis. Eles hoje se apoiam no fato de que estamos acostumados sem discussão com a macroanálise. Mas não existe nenhuma razão de princípio para afirmar que os problemas narrativos-cognitivos [...] não possam vir a ser colocados no nível macro-histórico. (REVEL, 1998b, p. 38).

A utilização do jogo de escalas nas pesquisas em educação

Algumas pesquisas no campo da educação têm se utilizado do jogo de escalas como perspectiva de análise. Brandão (2008), por exemplo, em seu programa de pesquisa, estudou “os processos de produção da qualidade de ensino em escolas de prestígio na cidade do Rio de Janeiro” (p. 611). A autora esclarece que sua leitura sobre o debate em torno do jogo de escalas, proposto por Revel,

[...] significou um feliz encontro com uma perspectiva (na qual ele se situa) que supera as falsas disputas, ainda hoje bastante fortes na área da educação, entre partidárias das macroanálises e das microanálises, em seus desdobramentos problemáticos na produção dos pesquisadores “quanti” e “quali”. (BRANDÃO, 2008, p. 609).

A produção dos pesquisadores “quali” e “quanti”, sobre a qual Brandão (2008) pontua, diz respeito à ideia de unir ambas as abordagens de pesquisa, a qualitativa e a quantitativa.

Conforme Maanen (1979), a pesquisa qualitativa pretende traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o pesquisador e o pesquisado, entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação. O principal fundamento da pesquisa qualitativa é a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa (KAPLAN; DUCHON, 1988).

Já a pesquisa quantitativa busca uma análise de quantidades das informações para que os resultados constituam medidas precisas e confiáveis do objeto em estudo. Permite que sejam feitas análises estatísticas, atendendo à necessidade de mensuração, representatividade e projeção (BRANNEN, 1992). É apropriada para medir tanto opiniões, perfis, atitudes e preferências, quanto comportamentos. Seus dados são métricos (medidas, comparação/padrão/metro), e as abordagens são experimentais, hipotético-dedutivas e verificatórias (DUFY, 1987).

Considerando as possibilidades da união “quali” e “quanti”, Brandão (2008) explica mais a respeito de sua percepção sobre o jogo de escalas e sobre as escalas de observação. Para a autora, à medida que essas escalas oferecem “ângulos diferentes de construção de objetos de pesquisa”, elas não podem ser pensadas como extremos de um mesmo contínuo (p. 610). A razão deve-se ao fato de que o problema não é de ordem metodológica, mas este se caracteriza por uma impossibilidade epistemológica. Assim, a “realidade social é por demais abrangente e complexa para comportar a pretensão de um verdadeiro e definitivo olhar, a partir de uma abordagem supostamente mais abrangente” (BRANDÃO, 2008, p. 610).

Em suas investigações desenvolvidas no grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação (SOCED), da PUC-RIO, Brandão (2008) estudou os processos de produção da qualidade de ensino em escolas de prestígio na cidade do Rio de Janeiro. Nesta investigação, realizada em duas etapas, a autora desenvolveu “um survey composto de três questionários (pais, pro-

fessores e alunos) com o objetivo de levantar as características mais gerais dos agentes educacionais envolvidos nos processos” (BRANDÃO, 2008, p. 611). De acordo com a pesquisadora, no momento inicial da investigação, ela explorou os dados produzidos pelo survey, focalizando “características mais gerais dos perfis e das práticas sociopedagógicas dos agentes estudados” que indicaram “a circularidade virtuosa com que as escolas investigadas produziam a imagem de qualidade de ensino destacada anualmente pela mídia” (BRANDÃO, 2008, p. 612).

Na etapa inicial, de acordo com Brandão (2008), já se salientavam algumas características, o que exigiu um aprofundamento da análise e da abordagem. Desse modo, no caso desta investigação, fez-se necessário o retorno ao campo, em três escolas da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a autora, o procedimento caracterizado pela abordagem microanalítica, ocorrido na etapa posterior da pesquisa, ofereceu-lhe “condições de contrastar o perfil geral delineado a partir dos dados agregados, com o material empírico derivado da observação do cotidiano escolar em sua dinâmica situacional” (BRANDÃO, 2008, p. 612). Nesse sentido, Brandão esclarece que o propósito desses procedimentos nas investigações foi “combinar um olhar mais geral com outro mais próximo, potencializando a ampliação do corpus da pesquisa, a partir das novas hipóteses geradas pelo material derivado de um jogo de escalas” (BRANDÃO, 2008, p. 613).

Outra contribuição de Brandão (2008) para a análise de fenômenos sociais relaciona-se aos focos de análise. De acordo com suas explicações, durante todo o processo de investigação os focos de análise se alternam, deslocando-se do “âmbito micro ao macrosocial”, e vice-versa, fazendo um jogo de espelhos. Esse processo de alternância acaba gerando dois tipos de visão. Para Brandão (2008), o resultado é ora uma visão panorâmica do objeto de estudo, ora uma aproximação das lentes que permite delinear com maior precisão as características do objeto cujo estudo se pretende. Assim, para a autora, somente

[...] operando com um permanente jogo de espelhos, que ofereça um conjunto de flashes descontínuos das escalas de observação, pode a Sociologia da Educação enfrentar o desafio de compreender as relações entre desigualdades sociais e desigualdades escolares para quiçá traçar estratégias mais adequadas ao projeto de qualidade de ensino com equidade social. (BRANDÃO, 2008, p. 616-617).

De acordo com Brandão (2008), durante a realização da investigação foram alternadas ambas as análises, realizando o jogo de espelhos. Micro e macroanálises foram utilizadas, resultando “ora uma visão panorâmica das posições relativas das instituições no campo escolar e no espaço social” [...] “que contribua para a compreensão/interpretação das suas estratégias no mercado escolar”. Brandão explica, também, que ao aproximar as lentes é possível “delinear com maior precisão as motivações e os movimentos dos agentes educativos nos tempos e espaços escolares (perspectivas interacionistas)” (BRANDÃO, 2008, p. 613).

Possibilidades da utilização do jogo de escalas na educação musical

Ao pesquisar sobre a inserção da música no projeto político-pedagógico em escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS, pude analisar mais profundamente as pesquisas que utilizaram o jogo de escalas, o que me possibilitou, posteriormente, utilizar esta abordagem como balizadora em minha investigação (WOLFFENBÜTTEL, 2009).

Esta pesquisa, cujo trabalho originou a tese *A inserção da música no projeto político-pedagógico: o caso da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS*,¹ investigou como a música

¹ A tese, intitulada *A inserção da música no projeto político pedagógico: o caso da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre* foi

se insere no projeto político-pedagógico das escolas. O estudo, cujo locus foi a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME-POA/RS), teve como objetivo caracterizar a presença da música no projeto político-pedagógico, identificando como, quando, onde e por quem é definido, planejado, implementado e desenvolvido o ensino de música no projeto político-pedagógico; analisando metas e objetivos da música na escola e sua articulação com as finalidades expressas no projeto político-pedagógico.

Para investigar como a música se insere no projeto político-pedagógico das escolas da RME-POA/RS, optei por utilizar a abordagem qualitativa e defini como método o estudo de caso. A unidade de caso escolhida foi a RME-POA/RS. A coleta dos dados foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa, apliquei questionários autoadministrados às equipes diretivas das escolas e aos profissionais que trabalham com música nas instituições de ensino. Obtive, assim, os dados relacionados à situação da música na RME-POA/RS. Este procedimento permitiu-me realizar uma macroanálise da inserção da música nas escolas da RME-POA/RS. Em uma segunda etapa, selecionei uma das escolas da RME-POA/RS, a fim de realizar uma imersão e ampliar a análise. Esta etapa, que se constitui na microanálise, permitiu-me coletar dados importantes referentes à escola e aprofundar o estudo das informações colhidas.

De posse de todos os dados, incluindo os obtidos na primeira etapa (macroanálise), bem como as informações oriundas da imersão (microanálise), passei à interpretação, exercitando o jogo de escalas, proposto por Revel (1998a). Desse modo, alternei macro e microanálise, a fim de responder às questões de pesquisa, procurando entender como a música está inserida nos projetos político-pedagógicos das escolas da RME-POA/RS.

Durante a análise dos dados, deparei-me com os contextos das escolas da RME-POA/RS e com a escola em que foi realizada a imersão. Estes se apresentaram multifacetados e dialéticos, o que justificou a articulação de perspectivas macro e micro (REVEL, 1998b). Observei a natureza complexa e controversa da política educacional interferindo na inserção da música no projeto político-pedagógico. Os processos que ocorrem nas escolas da RME-POA/RS – que, sob um aspecto, se analisados no contexto geral, são macropolíticos – têm resultados em toda a rede de ensino, pois os contextos são individuais, mas também coletivos e dialógicos. Todavia, sob outra perspectiva, ou, de acordo com Brandão (2008), com a aproximação das lentes, neste jogo de espelhos, observei que os processos são micropolíticos, pois individuais e peculiares. Ambas as análises, micro e macro, contudo, contribuíram para entender de que modo a música está inserida no projeto político-pedagógico das escolas da RME-POA/RS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecer a proposta do jogo de escalas e as investigações que utilizaram a potência dessa forma de combinar as análises, pode-se perceber a riqueza desse procedimento para a análise dos fenômenos sociais. Conforme Revel, é relevante pensar as escalas macro e micro-social em qualquer pesquisa (1998b). Isto se explica pelo fato de que “a micro-história demonstra sua importância, justamente quando mantém um diálogo direto e constante com a macro-história” (ROIZ, 2010, p. 551).

Talvez, de acordo com Revel (1998b), essa falta de diálogo possa ser uma das falhas em desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e defendida no ano de 2009, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Jusamara Souza.

muitas pesquisas que, ao se dirigirem por um ou outro viés, descartam a relação entre macro-história e micro-história, entre os textos e os contextos, bem como os tempos e os espaços dos personagens a ela relacionados.

Como propõe Revel (1998b), assumir essa postura teórico-metodológica implica deslocar o foco da análise das oposições simplistas entre força e fraqueza, autoridade e resistência, centro e periferia para a análise dos fenômenos de circulação, de negociação e de apropriação de ideias, modelos e práticas difundidos com base em modelos mundiais. Por fim, é relevante não perder de vista que tais operações são maneiras de compor os poderes constituídos. Além disso, nesses processos de negociação e de apropriação estão contidas operações de reinterpretação e de adaptação que acabam por submeter diretrizes dominantes às lógicas particulares das comunidades que delas se apropriam.

REFERÊNCIAS

- ABÉLÈS, M. O racionalismo posto à prova da análise. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 103-120.
- BENSA, A. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 39-76.
- BRANDÃO, Z. Os jogos de escalas na sociologia da educação. Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 103, p. 607-620, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/15.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.
- BRANNEN, J. *et al.* Mixing methods: qualitative and quantitative research. London: Thomas Coram Research Unit/Institute of Education, 1992.
- CERUTTI, S. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 173-201.
- DUFFY, M. E. Methodological triangulation: a vehicle for merging quantitative and qualitative research methods. Journal of Nursing Scholarship, v. 19, n. 3, p. 130-133, 1987.
- GRENDI, E. Repensar a micro-história? In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 251-262.
- GRIBAUDI, M. Escala, pertinência, configuração. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 121-149.
- KAPLAN, B.; DUCHON, D. Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study. MIS Quarterly, v. 12, n. 4, p. 571-586, Dec. 1988.
- LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 77-102.
- MAANEN, J. V. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. Administrative Science Quarterly, v. 24, n. 4, p. 520-526, Dec. 1979.

REVEL, J. Apresentação. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998a. p. 7-14.

____. Microanálise e construção do social. In: REVEL, J. (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998b. p. 15-38.

ROIZ, D. S. A micro-história e a sua história. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 44, n. 2, p. 549-551, out. 2010.

ROSENTAL, P. Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”. In: REVEL, J. (org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 151-172.

WOLFFENBÜTTEL, C. R. A inserção da música no projeto político pedagógico: o caso da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS. Tese (Doutorado em Música) –UFRGS, Porto Alegre, RS, 2009.